

**LONGO. *Dáfnis e Cloé*. Trad. Denine Bottman. Campinas: Editora Pontes, 2020.**

Maria Eduarda Zampieri Ambrasas<sup>1</sup>  
Roberto William Calisto Oliveira<sup>2</sup>

Dizem uns que exércitos e uns que barcos  
e uns que carros sejam o ser mais belo  
sobre a terra negra — por mim seria o  
ser que se ama  
**Safo** Fr. 16, trad. G. Gontijo Flores

Naves arando o mar cor-de-vinho, o clangor de armas se chocando, errância, criaturas fantásticas, parricídios, suicídios, infanticídios: elementos que encontramos sem dificuldades em obras da Antiguidade Grega. Obras belas, sem dúvidas, com as quais entrar em contato não apenas nos encanta, mas nos leva para uma jornada, não só temporal ou espacial, como também sentimental: como não se afligir com o iminente destino do Édipo, não se emocionar com o último encontro de Heitor e Andrômaca ou não sentir empatia por Aquiles quando ele é informado da morte de seu mais querido amigo?

Na companhia do Longo, contudo, a jornada que realizamos é completamente diversa, surpreendente, tranquila, relaxante, através duma paisagem idílica, com a brisa marítima beijando nossas faces e com os perfumes do campo gentilmente preenchendo nosso peito.

Em *Dáfnis e Cloé*, lemos as palavras que o narrador verteu após o contato com um belo quadro — em verdade, palavras que Longo nos diz ter decidido escrever em resposta à pintura que tanto o impressionara. A obra então se ocupa de narrar a respeito de *Dáfnis e Cloé*, ambos abandonados ainda bebês e encontrados com ricos objetos e sendo amamentados por animais, ele por uma cabra e ela por uma ovelha. Ainda, cada um deles

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras, atualmente realizando iniciação científica com bolsa pela PIBIC. **UNIFESP**. E-mail: w.calisto6@gmail.com. Orcid: 0000-0001-5886-378X.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras, atualmente cursando Licenciatura em Letras Português-Francês. **UNIFESP**. E-mail: maria.zampieri@unifesp.br. Orcid: 0000-0002-9684-8297.



encontrou sua sorte num humilde lar de pastores, sendo Dáfnis adotado por Lamon e Mirtale, Cloé por Drias e Napê.

Assim, com o passar das luas, as pequenas crianças desabrocham em belos jovens, que se destacam pela singular beleza. Com idade para tal, ambos passam a ser encarregados de realizar tarefas de pastores, com Dáfnis apascentando suas cabras e Cloé suas ovelhas — tarefa à qual dedicavam especial atenção como sinal de gratidão para com os animais que salvaram suas vidas. Então, através dos labores cotidianos, os jovens passam a conviver e dessa semente não tarda a desabrochar o amor, que será a força motriz de todo o romance. Ao longo da obra, vemos os heróis descobrindo o sentimento que os assola, aprendendo a seu respeito e a como lidar com ele. A princípio, antes de ouvirem sobre o que era o amor, chegam até mesmo a ponderar que estivessem doentes. Com o virar das páginas, vemos Dáfnis e Cloé se tornarem cada vez mais conscientes a respeito daquilo que sentem e, a curtos passos, aprenderem a como catalisar tal afecção – caminhando dos juvenis beijos até a perpetração do casamento.

As coisas, porém, não se realizam sem obstáculos. Ao longo da obra, vemos os jovens encararem uma série de adversidades – como tentativas de abuso, ataques de piratas, sequestros e o rigoroso inverno –, mas nada disso dissolve o amor que um nutre pelo outro. Muito pelo contrário. No fim das contas, tudo se encaixa para que ambos tenham uma melhor compreensão tanto do mundo quanto daquilo que sentem um pelo outro. Além disso, mesmo com as intempéries que pontuam o enredo, em nenhum momento sentimos dúvida a respeito do final feliz – apenas uma certa ansiedade, a de vê-los finalmente juntos.

A obra se apresenta de maneira bastante diversa daquilo que usualmente esperamos de um Clássico Greco-Latino. O cenário é edênico, os heróis, um tanto inocentes, e o desenrolar da trama dos fatos é suave, apontando em direção a um final feliz. Mesmo quando ameaças surgem em cena, logo uma brisa as afasta, deixando-nos a contemplar os jovens amantes. O curto rapto da Cloé não culmina numa guerra de dez anos e embora ela desperte interesse de terceiros, Dáfnis não toma um arco em mãos para dissipá-los. Dáfnis não recebe armas de origem divina através de sua mãe ou coisa do gênero: a única habilidade que o herói



compartilha com o filho de Tétis é a musical.

A atuação e intervenção divina, aspecto tão comum das obras antigas, também se mostra um pouco diferente na obra de Longo, onde as ações das deidades, em grande parte, não ocorrem no mundo sensível, como *Ilíada*, em que vemos os imortais interagindo com humanos a todo momento, mas nos sonhos: através destes, por exemplo, vemos as Ninfas auxiliarem Dáfnis, bem como Pã intimidar o líder dos raptos de Cloé.

Desta feita, faz-se crer que o romance de Longo seja uma grata surpresa para todos, tanto para aqueles já com certa experiência acerca da literatura clássica quanto para os que conhecem pouco ou nada desta tão antiga, mas ainda trepidante literatura. Para estes últimos, ousaríamos dizer até mesmo que *Dáfnis e Cloé* poderia ser uma excelente porta de entrada. A estrutura episódica da obra torna a leitura agradável e cadente, e os eventos são encadeados numa sequência de fácil compreensão. Não obstante, talvez o leitor possa sentir certa familiaridade com o livro já de saída, notando certas semelhanças entre a composição helênica e produções do nosso tempo, como comédias românticas fadadas a finais felizes e com enredos que aquecem o coração de qualquer um. O amor, de fato, é um assunto que nunca fica velho.

No Brasil, *Dáfnis e Cloé* foi publicado pela primeira vez em 1990, pela Editora Pontes e com a bela tradução de Denise Bottmann, que conseguiu transportar habilmente o romance para o nosso idioma, conferindo-lhe uma linguagem nada arcaizante e que permite uma leitura fluída, sem intempéries: elementos que tornam a experiência ainda melhor -- embora seja também necessário pontuar que muito do estilo de Longo, suas construções e formulações, acabe por se extraviar na tradução e, infelizmente, não é reproduzida no nosso idioma. Agora, trinta anos depois, a obra acaba de receber uma segunda edição, publicada em 2020 pela mesma editora.

Nesta versão mais recente, o elemento que mais nos chama atenção concerne ao campo do design, visto que a antiga e austera capa, digna do século passado, deu lugar a uma encantadora pintura: o quadro *Daphnes et Chloe* de François Gérard. Tal alteração parece um tanto acertada, sobretudo se tivermos em mente que no prefácio, como já se apontou, o



narrador diga que o ponto de partida para a composição da narrativa foi um quadro visto por ele em Lesbos, cuja beleza o inspirou a escrever a obra.

Ainda sobre a capa, há um elemento nela presente que, a despeito de parecer algo trivial, chama a nossa atenção e vale ser discutido: o nome do autor. Embora a edição traga o nome “Longo” direto em sua capa, não há um completo consenso de quem seja, de fato, o autor do romance. Diferentemente do que ocorre no nosso tempo, em que as obras são assinadas por seus criadores, a presença do nome “Longo” aqui é antes fruto de uma longa discussão acadêmica em busca de evidências da existência de tal escritor. Um dos possíveis argumentos a favor de tal atribuição reside no conhecimento que o autor parece ser da Ilha de Lesbos, o palco do romance, e em como o nome romano Longo fora igualmente atestado nesta Ilha. Se o nome do autor não nos é uma certeza, tampouco nos é a localização da obra e daquele que a escreveu no tempo, pois não há nenhuma evidência externa que possibilite tal datação -- não conhecemos nenhuma alusão à obra anterior ao século XIX da nossa era, por exemplo. O que temos, portanto, são inúmeras hipóteses a partir de elementos, no geral, textuais -- como as relações sociais e os valores monetários — e, levando em conta a relação da obra de Longo com a de Aquiles Tácio, autores que parecem integrar o mesmo período da história do gênero tornam plausível localizar *Dáfnis e Cloé* e seu autor por volta da segunda metade do século II d.C, durante o auge do romance grego.

Ainda sobre a capa, há um elemento nela presente que, a despeito de parecer algo trivial, chama a nossa atenção e vale ser discutido: o nome do autor. Embora a edição traga o nome “Longo” direto em sua capa, não há um completo consenso de quem seja, de fato, o autor do romance. Diferentemente do que ocorre no nosso tempo, em que as obras são assinadas por seus criadores, a presença do nome “Longo” aqui é antes fruto de uma longa discussão acadêmica em busca de evidências da existência de tal escritor. Um dos possíveis argumentos a favor de tal atribuição reside no conhecimento que o autor parece ser da Ilha de Lesbos, o palco do romance, e em como o nome romano Longo fora igualmente atestado nesta Ilha. Se o nome do autor não nos é uma certeza, tampouco nos é a localização da obra e daquele que a escreveu no tempo, pois não há nenhuma evidência externa que possibilite tal



datação — não conhecemos nenhuma alusão à obra anterior ao século XIX da nossa era, por exemplo. O que temos, portanto, são inúmeras hipóteses a partir de elementos, no geral, textuais — como as relações sociais e os valores monetários — e, levando em conta a relação da obra de Longo com a de Aquiles Tácio, autores que parecem integrar o mesmo período da história do gênero, tornam plausível localizar Dáfnis e Cloé e seu autor por volta da segunda metade do século II d.C, durante o auge do romance grego.

No tocante aos paratextos, poderíamos comentar a respeito das notas que acompanham a edição que elas são bastante informativas, porém um leitor menos familiarizado com a cultura grega possa sentir falta de certas explicações a respeito de lugares, cultos e divindades. É possível também questionar a localização das notas no livro, visto que elas ficam nas páginas finais do volume e não no rodapé de suas respectivas páginas como de costume, algo que pode não colaborar muito para a experiência do leitor, pois este, sempre que desejar alguma informação, terá que interromper sua leitura e ir se aventurar em busca da nota desejada.

Assim, de cara nova, o antigo romance chega ao leitor brasileiro em uma nova bela edição após quase dois mil anos de sua composição. Contudo, mesmo com tal distância temporal, o leitor moderno não sentirá grandes dificuldades de se imergir na obra, de ser cativado por seus inocentes personagens e, quando notar, verá a si próprio na antiga Lesbos, no campo, cercado de natureza, animais, festas, música e amores. Retomando o que dissemos acima, a obra pode ser desfrutada por todos, pois tanto o neófito quanto o douto nas letras clássicas encontrarão uma doce surpresa nas páginas de Longo. O livro é, de fato

objeto de delícias para todos os homens: o enfermo nele encontrará um alívio, o aflito, um consolo, quem amou, a lembrança de seus amores, quem não amou, uma iniciação no amor. Pois não existe absolutamente ninguém que tenha escapado ou deva escapar do amor, enquanto houver beleza e os olhos tiverem visão

### Referências:

LONGO. *Dáfnis e Cloé*. Trad. Denine Bottman. Campinas: Editora Pontes, 2020.

